

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO II

AGOSTO DE 1859

Nº 8

Mobiliário de Além-Túmulo

Extraímos a seguinte passagem de uma carta que um dos correspondentes do Departamento do Jura enviou à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas:

“(…) Como já vos tinha dito, senhor, os Espíritos gostavam da nossa velha habitação. No mês de outubro passado (1858), a senhora condessa de C., amiga íntima de minha filha, veio passar alguns dias em nossa mansão, acompanhada do filhinho de oito anos. O menino dormia no mesmo apartamento que a mãe. A fim de que ele e minha filha pudessem prolongar as horas do dia e da conversa, a porta comum que comunicava seus quartos ficava aberta. O garoto não dormia e dizia à sua mãe: ‘O que a senhora fará com esse homem que está sentado junto à sua cama? Ele fuma um grande cachimbo. Veja como enche o quarto de fumaça; mandai-o embora; ele sacode as cortinas.’ Tal visão durou a noite inteira. A mãe não conseguiu fazer a criança calar e ninguém pôde pregar os olhos. Essa circunstância não surpreendeu a mim nem à minha filha, pois sabemos que há manifestações espíritas. Quanto à mãe, imaginou que o filho sonhava acordado ou se divertia.

“Eis um outro fato pessoal que comigo aconteceu no mesmo aposento, em maio de 1858. É a aparição do Espírito de

uma *pessoa viva* que ficou muito admirada por ter vindo me visitar. Eis as circunstâncias: Eu estava muito doente e há tempos não dormia, quando vi, às dez horas da noite, um amigo da família sentado perto de meu leito. Manifestei-lhe minha surpresa por sua visita àquela hora. Disse-me ele: ‘Não fale; venho velá-la; não fale; é preciso dormir.’ E estendeu a mão sobre a minha cabeça. Abri os olhos várias vezes para saber se ele ainda estava lá, e de cada vez me fazia sinal para os fechar e calar-me. Ele girava uma caixa de rapé entre os dedos e, de quando em quando, tomava uma pitada, como o fazia costumeiramente. Por fim adormeci e, ao despertar, a visão havia desaparecido. Diferentes circunstâncias me provaram que no momento dessa visita inesperada eu estava perfeitamente acordada, e que aquilo não era um sonho. Quando de fato me visitou pela primeira vez apressei-me em agradecer-lhe. Trazia a mesma caixa de rapé e, ao escutar-me, estampava o mesmo sorriso de bondade que eu notara quando me velava. Como me garantiu não ter vindo, o que aliás não me foi difícil acreditar, porquanto não teria havido nenhum motivo que o impelisse a vir a tal hora passar a noite junto a mim, compreendi que apenas o seu Espírito tinha vindo visitar-me, enquanto seu corpo repousava tranqüilamente em sua casa.”¹⁸

Os fatos de aparição são tão numerosos que seria impossível registrar todos aqueles que são do nosso conhecimento ou que foram obtidos de fontes perfeitamente autênticas. Aliás, hoje que os fatos estão explicados, e que nos damos conta exatamente da maneira por que são produzidos, sabemos que pertencem às leis da Natureza e, portanto, nada têm de maravilhoso. Como já demos a sua teoria completa, apenas a recordaremos, em poucas palavras, para a desejável compreensão do que se segue.

Além do envoltório corporal, exterior, sabemos que o Espírito possui um outro, semimaterial, a que chamamos

18 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns* – Segunda Parte – Capítulo VII – item 116.

perispírito. A morte nada mais é do que a destruição do primeiro. Em seu estado errante o Espírito conserva o perispírito, que constitui uma espécie de corpo etéreo, invisível para nós em seu estado normal. Os Espíritos povoam o espaço e, se num determinado momento, o véu que no-os oculta fosse levantado, veríamos uma imensa população agitar-se à nossa volta e percorrer os ares. Temo-los constantemente ao nosso lado, observando-nos e, muitas vezes, associando-se às nossas ocupações e aos nossos prazeres, conforme o seu caráter. A invisibilidade não é uma propriedade absoluta dos Espíritos; muitas vezes eles se nos mostram sob a aparência que tinham em vida, e não são poucas as pessoas que, rebuscando as lembranças, não se recordem de algum fato desse gênero. A teoria dessas aparições é muito simples e se explica por uma comparação que nos é bastante familiar: a do vapor que, quando muito rarefeito, é completamente invisível. Um primeiro grau de condensação o torna nebuloso; cada vez mais condensado passa ao estado líquido, depois ao estado sólido. Algo semelhante se opera pela vontade dos Espíritos na substância do perispírito; como já dissemos, pretendemos estabelecer apenas uma comparação, e não uma assimilação. Servimo-nos do exemplo do vapor para mostrar as mudanças de aspecto que pode sofrer um corpo invisível, não se devendo concluir, por isso, que haja no perispírito uma condensação, no sentido próprio da palavra. Opera-se na sua contextura uma modificação molecular que o torna visível e mesmo tangível, podendo dar-lhe, até certo ponto, as propriedades dos corpos sólidos.

Sabemos que os corpos perfeitamente transparentes tornam-se opacos por uma simples mudança na posição das moléculas, ou pela adição de outro corpo igualmente transparente, mas não sabemos bem como fazem os Espíritos para tornar visível o seu corpo etéreo. A maior parte deles não chega mesmo a dar-se conta disso, embora, pelos exemplos citados, compreendamos a sua possibilidade física, o que é suficiente para tirar do fenômeno aquilo que, à primeira vista, poderia parecer sobrenatural. Pode,

pois, o Espírito operar, quer por simples modificação íntima, quer assimilando uma porção de fluido estranho que altera momentaneamente o aspecto de seu perispírito. É mesmo esta última hipótese que ressalta das explicações que nos têm sido dadas e que relatamos ao tratar do assunto (maio, junho e dezembro).

Até aí não há nenhuma dificuldade no que concerne à personalidade do Espírito. Sabemos, no entanto, que eles se apresentam com vestimentas cujo aspecto mudam à vontade; muitas vezes até possuem certos acessórios de toailete, jóias, etc. Nas duas aparições que citamos no início, uma tinha um cachimbo e produzia fumaça; a outra possuía uma caixa de rapé e tomava pitadas; e notai bem o fato de que este Espírito pertencia a uma pessoa viva e que sua tabaqueira era em tudo semelhante à de que se servia habitualmente, e que ficara em sua casa. O que significaria essa caixa de rapé, esse cachimbo, essas vestimentas e essas jóias? Teriam os objetos materiais terrenos uma representação etérea no mundo invisível? A matéria condensada que forma tais objetos teria uma parte quintessenciada, que escapa aos nossos sentidos? Eis aí um imenso problema, cuja solução pode dar a chave de uma multidão de coisas até então inexplicadas; e é essa tabaqueira que nos põe no caminho, não apenas desse fato, mas do fenômeno mais extraordinário do Espiritismo: o da pneumatografia ou escrita direta, de que falaremos logo em seguida.

Se alguns críticos ainda nos censuram pelo fato de estarmos avançando muito na teoria, responderemos que não vemos razão alguma para nos manter na retaguarda quando encontramos uma oportunidade para avançar. Se ainda estão se distraíndo com as mesas girantes, sem saber por que giram, não é motivo para nos determos no caminho. O Espiritismo, sem dúvida, é uma ciência de observação, mas talvez ainda seja mais uma ciência de raciocínio; e o raciocínio é o único meio de fazê-lo progredir e triunfar de certas resistências. Tal fato é contestado unicamente por que não é compreendido; *a explicação lhe tira todo o caráter*

maravilhoso, fazendo-o entrar nas leis gerais da Natureza. Eis por que vemos diariamente pessoas que nunca viram e creram, simplesmente porque compreenderam, enquanto outras viram e não crêem, porque não compreendem. Fazendo entrar o Espiritismo no caminho do raciocínio, nós o tornamos *aceitável* para aqueles que querem conhecer o porquê e o como de todas as coisas; e o número destes é grande neste século, pois a crença cega já não faz parte dos costumes. Ora, se não tivéssemos senão indicado a rota já teríamos a consciência de haver contribuído para o progresso desta nova ciência, objeto de nossos constantes estudos. Mas voltemos à nossa tabaqueira.

Todas as teorias que apresentamos, relativamente ao Espiritismo, foram dadas pelos Espíritos, muitas vezes contrariando as nossas próprias idéias, como aconteceu no caso presente, provando que as respostas não eram o reflexo de nosso pensamento. Mas a maneira de obter-se uma solução não é coisa de somenos importância. Sabemos, por experiência, que não basta pedir bruscamente uma coisa para a obtermos; nem sempre as respostas são suficientemente explícitas; é necessário desenvolver o assunto com certa precaução, chegar ao fim gradativamente e por um encadeamento de deduções, que exigem um trabalho prévio. Em princípio, a maneira de formular as perguntas, a ordem, o método e a clareza são coisas que não devem ser negligenciadas e que agradam aos Espíritos sérios, porque vêm nisso um sério objetivo.

Eis a conversa que tivemos com o Espírito São Luís, a propósito da tabaqueira, com vistas à solução do problema da produção de certos objetos no mundo invisível. (*Sociedade*, 24 de junho de 1859):

1. No relato da Sra. R..., trata-se de uma criança que viu, perto do leito de sua mãe, um homem a fumar um grande cachimbo. Compreende-se que esse Espírito possa ter tomado a

aparência de um homem que fumava, mas parece que fumava realmente, pois o menino via o quarto repleto de fumaça. O que era essa fumaça?

Resp. – Uma aparência, produzida para o garoto.

2. A Sra. R... cita igualmente um caso de aparição pessoal, do Espírito de uma pessoa viva. Esse Espírito tinha uma caixa de rapé, do qual tomava pitadas. Experimentava ele a sensação que experimenta um indivíduo que faz o mesmo?

Resp. – Não.

3. Aquela caixa de rapé tinha a forma da de que ele se servia habitualmente e que se achava guardada em sua casa. Que era a dita caixa nas mãos da aparição?

Resp. – Sempre aparência. Era para que a circunstância fosse notada, como realmente foi, e não tomassem a aparição por uma alucinação devida ao estado de saúde da vidente. O Espírito queria que a senhora em questão acreditasse na realidade da sua presença e, para isso, tomou todas as aparências da realidade.

4. Dizes que é uma aparência; mas uma aparência nada tem de real, é como uma ilusão de óptica. Desejaríamos saber se aquela tabaqueira era apenas uma imagem sem realidade, por exemplo, a de um objeto que se reflete num espelho.

[O Sr. Sanson, um dos membros da Sociedade, faz observar que na imagem reproduzida no espelho há qualquer coisa de real; se ela não fica nele é que nada a fixa; mas se fosse projetada sobre uma chapa do daguerreótipo deixaria uma impressão, prova evidente de que é produzida por uma substância qualquer e não simplesmente uma ilusão de óptica].

A observação do Sr. Sanson é perfeitamente justa. Teríeis a bondade de dizer-nos se existe alguma analogia com a caixa de rapé, isto é, se nela havia alguma coisa de material?

Resp. – Certamente. É com o auxílio deste princípio material que o perispírito toma a aparência de vestuários semelhantes aos que o Espírito usava quando encarnado.

Observação – É evidente que a palavra *aparência* deve ser aqui tomada no sentido de aspecto, imitação. A caixa de rapé real não estava lá; a que o Espírito deixava ver era apenas uma reprodução daquela: era, pois, com relação ao original, uma simples aparência, embora formada de um princípio material.

Ensina a experiência que nem sempre se deve dar significação literal a certas expressões usadas pelos Espíritos. Interpretando-as de acordo com as nossas idéias, expomo-nos a grandes equívocos. Daí a necessidade de aprofundar-se o sentido de suas palavras, toda vez que apresentem a menor ambigüidade. É essa uma observação que os Espíritos constantemente nos fazem. Sem a explicação que provocamos, o termo *aparência*, que de contínuo se reproduz nos casos análogos, poderia prestar-se a uma interpretação falsa.

5. Dar-se-á que a matéria inerte se desdobre? Ou que haja no mundo invisível uma matéria essencial, capaz de tomar a forma dos objetos que vemos? Numa palavra, terão estes o seu *duplo etéreo* no mundo invisível como os homens são nele representados pelos Espíritos?

Observação – Trata-se de uma teoria como qualquer outra e esse era o nosso pensamento; o Espírito, porém, não a levou em consideração, o que absolutamente não nos humilhou, porque a sua explicação nos pareceu muito lógica e sustentada num princípio mais geral, cuja aplicação muitas vezes encontramos.

Resp. – Não é assim que as coisas se passam. Sobre os elementos materiais disseminados por todos os pontos do espaço, na vossa atmosfera, têm os Espíritos um poder que estais longe de suspeitar. Podem, pois, concentrar à vontade esses elementos e dar-lhes a forma aparente que corresponda à dos objetos materiais.

6. Formulo novamente a questão, de modo categórico, a fim de evitar todo e qualquer equívoco: São alguma coisa as vestes de que os Espíritos se cobrem?

Resp. – Parece que a minha resposta precedente resolve a questão. Não sabes que o próprio perispírito é alguma coisa?

7. Resulta, desta explicação, que os Espíritos fazem passar a matéria etérea pelas transformações que queiram e que, portanto, em relação à caixa de rapé, o Espírito não a encontrou completamente feita; fê-la ele próprio, no momento em que teve necessidade dela. E, do mesmo modo que a fez, pôde desfazê-la. Outro tanto naturalmente se dá com todos os demais objetos, como vestuários, jóias, etc. Será assim?

Resp. – Mas, evidentemente.

8. A caixa de rapé se tornou tão visível para a senhora de que se trata que lhe produziu a ilusão de uma tabaqueira material. Teria o Espírito podido torná-la tangível para ela?

Resp. – Teria.

9. Aquela senhora poderia tê-la tomado nas mãos, crente de estar segurando uma caixa de rapé verdadeira?

Resp. – Sim.

10. Se a abrisse, teria achado nela rapé? E, se o aspirasse, ele a faria espirrar?

Resp. – Sem dúvida.

11. Pode, então, o Espírito dar a um objeto não só a forma, mas, também propriedades especiais?

Resp. – Se o quiser. Baseado neste princípio foi que respondi afirmativamente às perguntas anteriores. Tereis provas da poderosa ação que os Espíritos exercem sobre a matéria, ação que estais longe de suspeitar, como eu disse há pouco.

12. Suponhamos, então, que quisesse fazer uma substância venenosa. Se uma pessoa a ingerisse, ficaria envenenada?

Resp. – Teria podido, mas não faria, por não lhe ser isso permitido.

13. Poderá fazer uma substância salutar e própria para curar uma enfermidade? E já se terá apresentado algum caso destes?

Resp. – Já, muitas vezes.

Observação – Encontramos um fato semelhante, acompanhado de interessante explicação teórica, no artigo que damos a seguir, sob o título *Um Espírito serviçal*.

14. Então, poderia fazer também uma substância alimentar? Suponhamos que tenha feito uma fruta, uma iguaria qualquer: se alguém pudesse comer a fruta ou a iguaria, ficaria saciado?

Resp. – Ficaria, sim; mas, não procureis tanto para achar o que é tão fácil de compreender. Basta um raio de sol para tornar perceptíveis aos vossos órgãos grosseiros essas partículas materiais que enchem o espaço onde viveis. Não sabeis que o ar contém vapores d'água? Condensai-os e os fareis voltar ao estado normal. Privai-as de calor e eis que essas moléculas impalpáveis e invisíveis se tornarão um corpo sólido e bem sólido; e, assim, muitas outras substâncias de que os químicos tirarão maravilhas ainda mais espantosas. Simplesmente, o Espírito dispõe de instrumentos mais perfeitos do que os vossos: a vontade e a permissão de Deus.

Observação – A questão da saciedade é aqui muito importante. Como pode produzir a saciedade uma substância cuja existência e propriedades são meramente temporárias e, de certo modo, convencionais? O que se dá é que essa substância, pelo seu contato com o estômago, produz a sensação da saciedade, mas não a saciedade que resulta da plenitude. Desde que uma substância dessa natureza pode atuar sobre a economia e modificar um estado mórbido, também pode, perfeitamente, atuar sobre o estômago e produzir a impressão da saciedade. Rogamos, todavia, aos senhores farmacêuticos e inventores de reconstituintes que não se encham de zelos, nem creiam que os Espíritos lhes venham fazer

concorrência. Esses casos são raros, excepcionais e nunca dependem da vontade. Doutro modo, toda gente se alimentaria e curaria a preço baratíssimo.

15. Da mesma forma poderia o Espírito fabricar moedas?

Resp. – Pela mesma razão.

16. Os objetos que, pela vontade do Espírito, se tornam tangíveis, poderiam permanecer com esse caráter de permanência e de estabilidade?

Resp. – Isso poderia dar-se, mas não acontece. Está fora das leis.

17. Têm todos os Espíritos, no mesmo grau, esse poder?

Resp. – Não, não!

18. Quais são os que têm mais particularmente esse poder?

Resp. – Aqueles a quem Deus concede, quando isso é útil.

19. A elevação do Espírito tem alguma utilidade?

Resp. – Por certo; quanto mais elevado o Espírito, mais facilmente obtém esse poder; mas isso ainda depende das circunstâncias: Espíritos inferiores também podem ter esse poder.

20. A produção dos objetos semimateriais resulta sempre de um ato da vontade do Espírito, ou algumas vezes exerce ele esse poder, mau grado seu?

Resp. – Ele o exerce *frequentemente*, mesmo sem o saber.

21. Seria, então, esse poder um dos atributos, uma das faculdades inerentes à própria natureza do Espírito? Seria, de algum modo, uma de suas propriedades, como a de ver e ouvir?

Resp. – Certamente, embora muitas vezes ele próprio o ignore. Então, outro o exerce por ele, mau grado seu, quando as

circunstâncias o exigem. O alfaiate do zuavo era justamente o Espírito de que acabo de falar e ao qual ele fazia alusão na sua linguagem espirituosa.

Observação – Encontramos uma comparação desta faculdade na de certos animais – o peixe-elétrico, por exemplo – que emite eletricidade sem saber o que faz, nem como isso se dá e, menos ainda, sem conhecer o mecanismo que a põe em ação. Frequentemente nós mesmos não produzimos certos efeitos por atos espontâneos, dos quais não nos damos conta? – Parece-nos, portanto, muito natural que o Espírito possa agir nesta circunstância por uma espécie de instinto. Ele produz por sua vontade, sem saber como, assim como andamos sem calcular as forças que estão em jogo.

22. Nos dois casos citados pela Sra. R..., compreendemos que um dos Espíritos quisesse ter um cachimbo e o outro uma caixa de rapé, para ferir os olhos de uma pessoa viva. Pergunto, porém, se o Espírito poderia pensar que possuía esses objetos, caso não tivesse chegado a fazê-la ver, criando, assim, uma ilusão para si mesmo.

Resp. – Não, se ele tiver uma certa superioridade, porque tem perfeita consciência de sua condição. Outro tanto não se dá com os Espíritos inferiores.

Observação – Tal era, por exemplo, o caso da rainha de Oude, cuja evocação está relatada em nosso número de março de 1858 e que ainda se julgava coberta de diamantes.

23. É possível que dois Espíritos se reconheçam pela aparência material que possuíam em vida?

Resp. – Não é por esse meio que eles se reconhecem, porque não tomarão essa aparência um para o outro. Entretanto, se em certas circunstâncias se acharem em presença um do outro, revestidos dessa aparência, por que não se haveriam de reconhecer?

24. Como podem os Espíritos reconhecer-se em meio a uma multidão de outros Espíritos, e, sobretudo, como podem fazê-lo quando um deles vai procurar longe, e freqüentemente em outros mundos, aqueles que o chamam?

Resp. – Isto é um problema cuja solução demandaria muito tempo; é preciso esperar. Não estais suficientemente adiantados. Contentai-vos, no momento, com a certeza de que assim o é, pois tendes provas suficientes.

25. Desde que o Espírito pode extrair do elemento universal os materiais para fazer todas as coisas, e com suas propriedades dar a elas uma realidade temporária, pode perfeitamente extrair o que lhe seja necessário para escrever. Conseqüentemente, isto nos dará a chave do fenômeno da escrita direta?

Resp. – Finalmente compreendestes.

26. Se a matéria de que se serve o Espírito não tem persistência, como não desaparecem os traços da escrita direta?

Resp. – Não julgueis ao pé da letra; desde o início eu não disse: jamais; tratava-se de um objeto material volumoso; aqui são sinais grafados que convém conservar e são conservados.

A teoria acima pode ser resumida desta maneira: o Espírito atua sobre a matéria; da matéria cósmica universal tira os elementos necessários para formar, a seu bel-prazer, objetos que tenham a aparência dos diversos corpos existentes na Terra. Pode igualmente, pela ação da sua vontade, operar na matéria elementar uma transformação íntima, que lhe confira determinadas propriedades. Esta faculdade é inerente à natureza do Espírito, que muitas vezes a exerce de modo instintivo, quando necessário, sem disso se aperceber. Os objetos que o Espírito forma têm existência temporária, subordinada à sua vontade, ou a uma necessidade que ele experimenta. Pode fazê-los e desfazê-los livremente. Em certos casos, esses objetos, aos olhos de pessoas vivas, podem apresentar

todas as aparências da realidade, isto é, tornarem-se momentaneamente visíveis e até mesmo tangíveis. Há formação; porém, não criação, considerando que, do nada, o Espírito nada pode tirar.¹⁹

Pneumatografia ou Escrita Direta

A *pneumatografia* é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem intermediário algum; difere da *psicografia*, por ser esta a transmissão do pensamento do Espírito, mediante a escrita feita com a mão do médium. Demos essas duas palavras no *Vocabulário Espírita*, posto no início de nossa *Instrução Prática*, com a indicação de sua diferença etimológica. *Psicografia*, do grego *psyké*, borboleta, alma; e *graphus*, eu escrevo; *Pneumatografia*, de *pneuma*, ar, sopro, vento, Espírito. No médium escrevente a mão é um instrumento, mas a sua *alma*, ou Espírito encarnado, é o intermediário, o agente ou o intérprete do Espírito estranho que se comunica; na *Pneumatografia*, é o próprio Espírito estranho que escreve diretamente, sem intermediário.

O fenômeno da escrita direta é, inegavelmente, um dos mais extraordinários do Espiritismo. Por anormal que pareça à primeira vista, é hoje um fato verificado e incontestável. Se dele ainda não falamos, é que esperávamos poder dar-lhe a explicação e já ter procedido às observações necessárias, a fim de tratar a questão com conhecimento de causa. A teoria, sempre necessária para nos inteirarmos da possibilidade dos fenômenos espíritas em geral, talvez ainda se faça mais necessária neste caso que, sem contestação, é um dos mais estranhos que se possam apresentar, deixando, porém, de parecer sobrenatural, desde que se lhe compreenda o princípio.

Da primeira vez que este fenômeno se produziu, a dúvida foi o sentimento dominante que deixou. Logo acudiu aos

19 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns* – Segunda Parte – Capítulo VIII.

que o presenciaram a idéia de um embuste. Toda gente, com efeito, conhece a ação das tintas chamadas simpáticas, cujos traços, a princípio completamente invisíveis, aparecem ao cabo de algum tempo. Podia, pois, dar-se que tivessem, por esse meio, abusado da credulidade dos assistentes, e longe nos achamos de afirmar que nunca o tenham feito. Estamos até convencidos de que algumas pessoas, não com propósito mercenário, mas unicamente por amor-próprio e para fazer acreditar nas suas faculdades, hão empregado subterfúgios.

Na terceira das cartas escritas de Montaigne, J.-J. Rousseau refere o seguinte fato: “Em 1743 vi em Veneza uma nova espécie de sortilégio, mais estranho que os de Préneste; quem o quisesse consultar entrava numa câmara, ali permanecendo sozinho, caso o desejasse. De um livro de folhas brancas tirava uma de sua escolha; depois, segurando essa folha, pedia mentalmente, e não em voz alta, aquilo que desejava saber; em seguida, dobrava a folha branca, depositava-a num envelope, lacrava-o e o colocava, assim fechado, dentro de um livro. Finalmente e sem perder o livro de vista, depois de haver recitado algumas fórmulas muito extravagantes, verificava se o selo não tinha sido violado, abria o envelope, retirava o papel e encontrava escrita a resposta. O mágico que fazia estas sortes era o primeiro secretário da Embaixada da França e se chamava J.-J. Rousseau.”

Duvidamos que Rousseau tenha conhecido a escrita direta, pois, do contrário, teria sabido outras coisas relativas às manifestações espíritas e não teria tratado do assunto com tanta leviandade. Como ele próprio reconheceu quando o interrogamos sobre este fato, é provável que utilizasse um processo que aprendera de um charlatão italiano.

Entretanto, do fato de se poder imitar uma coisa, fora absurdo concluir-se pela sua inexistência. Nestes últimos tempos, não se há encontrado meio de imitar a lucidez sonambúlica, a

ponto de causar ilusão? Mas, porque esse processo de saltimbanco se tenha exibido em todas as feiras, dever-se-á concluir que não haja verdadeiros sonâmbulos? Porque certos comerciantes vendem vinho falsificado, será uma razão para que não haja vinho puro? O mesmo sucede com a escrita direta. Bem simples e fáceis eram, aliás, as precauções a serem tomadas para garantir a realidade do fato e, graças a essas precauções, hoje ele já não pode constituir objeto da mais ligeira dúvida.

Considerando-se que a possibilidade de escrever sem intermediário representa um dos atributos do Espírito; uma vez que os Espíritos sempre existiram desde todos os tempos e que desde todos os tempos se têm produzido os diversos fenômenos que conhecemos, o da escrita direta igualmente se há de ter operado na Antigüidade, tanto quanto nos dias atuais. Deste modo é que se pode explicar o aparecimento das três palavras célebres, na sala do festim de Baltazar. A Idade Média, tão fecunda em prodígios ocultos, mas que eram abafados por meio das fogueiras, também deve ter conhecido a escrita direta; igualmente é possível que, na teoria das modificações por que podem os Espíritos fazer passar a matéria, teoria que desenvolvemos em nosso artigo anterior, se encontre o fundamento da crença na transmutação dos metais. É um ponto que abordaremos qualquer dia.

Um de nossos assinantes ultimamente nos dizia que um de seus tios, cônego, que durante muitos anos havia sido missionário no Paraguai, obtinha, por volta do ano 1800, a escrita direta, juntamente com seu amigo, o célebre abade Faria. Seu processo, que nosso assinante jamais chegou a conhecer bem, e que de alguma sorte surpreendera casualmente, consistia numa série de anéis pendurados, aos quais eram adaptados lápis, dispostos em posição vertical, cujas pontas apoiavam-se no papel. Esse processo refletia a infância da arte; depois progredimos.

Todavia, quaisquer que tenham sido os resultados obtidos em diversas épocas, só depois de vulgarizadas as

manifestações espíritas foi que se tomou a sério a questão da escrita direta. Ao que parece, o primeiro a torná-la conhecida, estes últimos anos, em Paris, foi o barão de Guldenstubbé, que publicou sobre o assunto uma obra muito interessante, com grande número de *fac-símiles* das escritas que obteve²⁰. O fenômeno já era conhecido na América, havia algum tempo. A posição social do Sr. Guldenstubbé, sua independência, a consideração de que goza nas mais elevadas rodas incontestavelmente afastam toda suspeita de fraude intencional, porquanto não havia nenhum motivo de interesse a que ele obedecesse. Quando muito, o que se poderia supor, é que fora vítima de uma ilusão; a isto, porém, um fato responde peremptoriamente: o de haverem outras pessoas obtido o mesmo fenômeno, cercadas de todas as precauções necessárias para evitar qualquer embuste e qualquer causa de erro.

A escrita direta é obtida, como em geral a maior parte das manifestações espíritas *não espontâneas*, por meio da concentração, da prece e da evocação. Tem-se produzido em igrejas, sobre túmulos, no pedestal de estátuas, ou imagens de personagens evocadas. Evidentemente, o local não exerce nenhuma outra influência, além da de facultar maior recolhimento espiritual e maior concentração dos pensamentos, porquanto provado está que o fenômeno se obtém, igualmente, sem esses acessórios e nos lugares mais comuns, sobre um simples móvel caseiro, desde que os que desejam obtê-lo se achem nas devidas condições morais e, entre esses, se encontre quem possua a necessária faculdade mediúnica.

Julgou-se, a princípio, ser preciso colocar aqui ou ali um lápis com o papel. O fato então podia, até certo ponto, explicar-se. É sabido que os Espíritos produzem o movimento e a deslocação dos objetos; que, algumas vezes, os tomam e atiram longe. Bem

20 *La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe*, pelo barão de Guldenstubbé, 1 vol. in-8^o, com 15 estampas e 93 fac-símiles. Preço 8 fr. Casa Frank, rua Richelieu. Encontra-se também nas Casas Dentu e Ledoyen.

podiam, pois, tomar também do lápis e servir-se dele para traçar letras. Visto que o impulsionam, utilizando-se da mão do médium, de uma prancheta, etc., podiam, do mesmo modo, impulsioná-lo diretamente. Não tardou, porém, se reconhecesse que o lápis era dispensável, que bastava um pedaço de papel, dobrado ou não, para que, ao cabo de alguns minutos, se achassem nele grafadas as letras. Aqui, o fenômeno já muda completamente de aspecto e nos transporta a uma ordem inteiramente nova de coisas. As letras hão de ter sido traçadas com uma substância qualquer. Ora, sendo certo que ninguém forneceu ao Espírito essa substância, segue-se que ele próprio a compôs. Donde a tirou? Esse o problema.

O general russo, conde de B... mostrou-nos uma estrofe de dez versos alemães obtida dessa maneira por intermédio da irmã do barão de Guldenstubbé, simplesmente colocando uma folha de papel, *arrancada de sua própria caderneta*, debaixo do pedestal do relógio da chaminé. Tendo-a retirado ao cabo de alguns minutos, nela encontrou versos em caracteres tipográficos alemães muito finos e de perfeita pureza. Através de um médium psicógrafo o Espírito lhe disse que queimasse esse papel; como hesitasse, lamentando sacrificar um espécimen tão precioso, o Espírito acrescentou: “Nada temais; dar-te-ei um outro”. Com essa garantia, lançou o papel ao fogo, depois colocou uma segunda folha, igualmente tirada de sua carteira, sobre a qual os versos se achavam reproduzidos, exatamente da mesma maneira. Foi essa segunda edição que vimos e examinamos com o maior cuidado e, coisa bizarra, os caracteres apresentavam um relevo como se tivessem saído do prelo. Não é, pois, apenas o lápis que os Espíritos podem fazer, mas a tinta e os caracteres de imprensa.

Um dos nossos honrados colegas da Sociedade, o Sr. Didier obteve há alguns dias os resultados seguintes, que tivemos oportunidade de constatar, e cuja perfeita identidade podemos garantir. Tendo ido à igreja de Nossa Senhora das Vitórias, com a Sra. Huet, que há pouco obteve sucesso em experiências desse

gênero, tomou uma folha de papel de carta com o timbre de sua casa comercial, dobrou-a em quatro e a colocou sobre os degraus de um altar, rogando, em nome de Deus, que um Espírito bom se dignasse escrever alguma coisa. Ao cabo de dez minutos de recolhimento encontrou no interior e numa das partes dobradas da folha a palavra *fé* e num dos outros campos a palavra *Deus*. A seguir, tendo pedido ao Espírito que dissesse quem havia escrito aquilo, recolocou o papel no mesmo lugar e, após dez minutos, encontrou estas palavras: *por Fénelon*.

Oito dias mais tarde, a 12 de julho, quis repetir a experiência e dirigiu-se ao Louvre, à sala Coyzevox, situada sob o pavilhão do relógio. Sobre a base do busto de Bossuet pôs uma folha de papel, dobrada como a primeira, mas nada obteve. Um menino de cinco anos o acompanhava e seu boné foi deixado no pedestal da estátua de Luís XIV, que se encontrava a alguns passos da primeira. Julgando que a experiência houvesse falhado, já se dispunha a sair quando, ao pegar o boné, percebeu embaixo deste, como se fora escrito a lápis sobre o mármore, a expressão *amai a Deus*, seguida da letra B. O primeiro pensamento que veio à mente dos assistentes foi o de que tais palavras poderiam ter sido escritas anteriormente por mãos estranhas, que não foram percebidas. Entretanto, quiseram tentar a prova novamente, recolocando a folha dobrada em cima dessas palavras, cobrindo-as com o boné. Decorridos alguns minutos perceberam que a folha continha três letras: *a i m*. Repuseram o papel e pediram fossem os escritos completados e obtiveram: *Amai a Deus*, isto é, aquilo que fora escrito no mármore, menos o B. Ficava assim evidente que as primeiras letras traçadas resultavam de escrita direta. Ressaltava, ainda, esse fato curioso: as letras foram grafadas sucessivamente e não de uma vez; quando da primeira inspeção, não houvera tempo de concluir as palavras. Saindo do Louvre, o Sr. D... dirigiu-se à igreja de Saint-Germain l'Auxerrois onde obteve, pelo mesmo processo, as palavras: *Sede humildes. Fénelon*, escritas de maneira muito clara e muito legível. Estas palavras ainda podem ser vistas no mármore da estátua a que nos referimos.

A substância de que são feitos esses caracteres tem toda a aparência da grafita do lápis e é facilmente apagada com a borracha. Examinamo-la ao microscópio e constatamos que não é incorporada ao papel, mas simplesmente depositada na superfície, de maneira irregular, sobre as suas asperezas, formando arborescências muito semelhantes às de certas cristalizações. A parte apagada pela borracha deixa à mostra as camadas de matéria negra introduzida nas pequenas cavidades das rugosidades do papel. Destacadas e retiradas com cuidado, essas camadas são a própria matéria que se produz durante a operação. Lamentamos que a pequena quantidade recolhida não nos tenha permitido fazer a sua análise química; mas não perdemos a esperança de o conseguir um dia.

Quem quiser reportar-se às explicações que foram dadas em nosso artigo anterior encontrará completa a teoria do fenômeno. Para escrever dessa maneira, o Espírito não se serve das nossas substâncias, nem dos nossos instrumentos. Ele próprio fabrica a matéria e os instrumentos de que há mister, tirando, para isso, os materiais preciosos, do elemento primitivo universal que, pela ação da sua vontade, sofre as modificações necessárias à produção do efeito desejado. Possível lhe é, portanto, fabricar tanto o lápis vermelho, a tinta de imprimir, a tinta comum, como o lápis preto, ou, até, caracteres tipográficos bastante resistentes para darem relevo à escrita.

Tal o resultado a que nos conduziu o fenômeno da tabaqueira, descrito em nosso número anterior, e sobre o qual nos estendemos longamente, porque nele percebemos oportunidade para perscrutarmos uma das importantes leis do Espiritismo, lei cujo conhecimento pode esclarecer mais de um mistério, mesmo do mundo visível. Assim é que, de um fato aparentemente vulgar, pode sair a luz. Tudo está em observar com cuidado e isso todos podem fazer como nós, desde que se não limitem a observar efeitos, sem lhes procurarem as causas. Se a nossa fé se fortalece de

dia para dia, é porque compreendemos. Tratai, pois, de compreender, se quiserdes fazer prosélitos sérios. Ainda outro resultado decorre da compreensão das causas: o de deixar riscada uma linha divisória entre a verdade e a superstição.

Considerando a escrita direta do ponto de vista das vantagens que possa oferecer, diremos que, até o presente, sua principal utilidade há consistido na comprovação material de um fato sério: a intervenção de um poder oculto que, nesse fenômeno, tem mais um meio de se manifestar. Todavia, raramente são extensas as comunicações que por essa forma se obtêm. Em geral espontâneas, elas se reduzem a algumas palavras ou proposições e, às vezes, a sinais ininteligíveis. Têm sido dadas em todas as línguas: em grego, em latim, em sírio, em caracteres hieroglíficos, etc., mas ainda se não prestaram às dissertações seguidas e rápidas, como permite a psicografia ou a escrita pela mão do médium²¹.

Um Espírito Serviçal

Extraímos as passagens seguintes da carta de um dos nossos correspondentes de Bordeaux:

“Eis aqui, meu caro senhor Allan Kardec, um novo relato de fatos extraordinários que submeto à vossa apreciação, rogando tenhais a bondade de interrogar o Espírito que os produziu.

“Uma jovem mulher, que chamaremos senhora Mally, é a pessoa por intermédio da qual se deram as manifestações que constituem o assunto desta carta. Ela reside em Bordeaux e tem três filhos.

“Desde tenra idade, com cerca de nove anos, tem tido visões. Certa noite, ao voltar a casa com a família, viu no canto da

21 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns* – Segunda Parte – capítulo XII.

escada a forma muito distinta de uma tia, falecida há quatro ou cinco anos. Soltando uma exclamação, disse: Ah! Minha tia! e a aparição desapareceu. Dois anos depois, ouviu uma voz que a chamava, nela julgando reconhecer a da tia morta. O chamado era tão forte que não pôde deixar de dizer: ‘Entrai, minha tia!’ Como a porta não se abrisse, ela mesma foi abri-la; não vendo ninguém, desceu à procura de sua mãe para se informar se alguém tinha subido.

“Alguns anos depois encontramos essa senhora sob o domínio de um guia ou Espírito familiar, que parece encarregado de velar sobre sua pessoa e sobre seus filhos, e que presta uma porção de pequenos serviços em casa, entre outros o de despertar os doentes à hora marcada para tomar o chá ou aqueles que desejam partir; por certas manifestações ele revela o seu estado moral. Este Espírito tem um caráter pouco sério; entretanto, ao lado de sinais de leviandade, tem dado provas de sensibilidade e afeição. Geralmente a Sra. Mally o vê sob a forma de uma centelha ou de uma grande claridade, embora se manifeste a seus filhos sob a forma humana. Uma sonâmbula pretendia ter-lhe dado esse guia, sobre o qual parecia exercer certa influência. Quando a Sra. Mally ficava algum tempo sem se preocupar com seu guia, este cuidava de se fazer lembrado por algumas visões mais ou menos desagradáveis. Uma vez, por exemplo, quando ela descia sem luz, percebeu no patamar um cadáver envolvido num sudário luminoso. Essa senhora tem uma grande força de caráter, como veremos mais tarde; entretanto, não se pôde forrar a essa impressão assaz penosa e, fechando firmemente a porta do quarto, foi refugiar-se junto à mãe. De outras vezes sentia que lhe puxavam o vestido ou experimentava roçaduras, como se alguém ou algum animal se lhe encostasse levemente. Essas traquinagens cessavam logo que ela dirigia um pensamento ao seu guia e, por sua vez, a sonâmbula admoestava a este último e o proibia de atormentá-la.

“Em 1856, a terceira filha da senhora Mally, de quatro anos de idade, adoeceu no mês de agosto. A criança estava

continuamente mergulhada num estado de sonolência, interrompido por crises e convulsões. Durante oito dias eu mesmo a vi, parecendo sair do seu abatimento, adquirir uma expressão sorridente e feliz, de olhos semicerrados, sem olhar para as pessoas que a cercavam, estender a mão por meio de um gesto gracioso, como para receber alguma coisa, levá-la à boca e comer; depois agradecer com um sorriso encantador. Durante esses oito dias a criança foi sustentada por esse alimento invisível e seu corpo readquiriu a aparência do frescor habitual. Quando pôde falar, parecia haver saído de um sono prolongado e contava visões maravilhosas.

“Durante a convalescença da menina, por volta do dia 25 de agosto, ocorreu, nessa mesma casa, a aparição de um *agênere*. Cerca de dez e meia da noite a Sra. Mally, segurando a pequena pela mão, descia uma escada de serviço quando percebeu um indivíduo que subia. A escada estava perfeitamente iluminada pela luz da cozinha, de modo que ela pôde distinguir muito bem o indivíduo, cuja aparência era a de uma pessoa de constituição vigorosa. Chegados ao patamar ao mesmo tempo, encontraram-se face a face; tratava-se de um rapaz de aspecto agradável, bem vestido, com um boné à cabeça e segurando na mão um objeto que ela não foi capaz de distinguir. Surpreendida com esse encontro inesperado àquela hora e numa escada quase escondida, a Sra. Mally o encarou sem dizer uma palavra e sem perguntar o que ele queria. Por sua vez o desconhecido a observou em silêncio por alguns instantes, depois deu meia volta e desceu a escada, esfregando no corrimão o objeto que tinha na mão e que produzia um ruído semelhante ao de uma varinha. Assim que desapareceu a Sra. Mally precipitou-se para a sala onde eu me encontrava nesse momento e gritou que havia um ladrão na casa. Pusemo-nos a procurá-lo, auxiliados por meu cachorro; todos os recantos foram examinados; asseguramo-nos de que a porta da rua estava fechada, de modo que ninguém poderia ter entrado; aliás, se o fizessem, não conseguiriam fechá-la sem provocar ruído. Finalmente, era pouco provável que um malfeitor

utilizasse uma escada iluminada e a uma tal hora, onde se expunha a topar com as pessoas da casa a qualquer momento. Por outro lado, como poderia um estranho ter sido encontrado na escada que não serve ao público? Em todo caso, se se tivesse enganado, teria dirigido a palavra à Sra. Mally, ao passo que voltou-lhe as costas e se foi tranqüilamente, como alguém que não tem pressa nem se atrapalha no caminho. Todas essas circunstâncias não nos deixaram a menor dúvida quanto à natureza desse indivíduo.

“Esse Espírito manifesta-se freqüentemente por meio de ruídos que se assemelham aos do tambor, a golpes violentos no fogão, a batidas de pés nas portas, que então se abrem sozinhas e, por fim, a ruídos parecidos com os de calhaus que fossem atirados às vidraças. Certo dia a Sra. Mally estava à porta da cozinha quando viu um móvel à sua frente abrir-se e fechar-se várias vezes por mão invisível; em outras ocasiões, estando ocupada a acender o fogo, sentiu que lhe puxavam o vestido ou ainda, ao subir a escada, que lhe agarravam o calcanhar. Por várias vezes ele escondeu as tesouras e outros objetos de trabalho que pertenciam a ela, os quais eram depositados em seu colo depois de já os haver procurado bastante. Um domingo a Sra. Mally ocupava-se em temperar um pernil com dentes de alho quando, de repente, sentiu que lhos tiravam dos dedos; julgando havê-los deixado cair, procurou-os inutilmente; então, retomando o pernil, encontrou o alho picado num buraco triangular, cuja pele havia sido retirada, como a revelar que mão estranha ali o havia colocado intencionalmente.

“Estando a filha mais velha da Sra. Mally, de quatro anos de idade, a passear com a mãe, esta percebeu que aquela se entretinha com um ser invisível que parecia pedir-lhe bombons. A pequena fechava a mão e dizia sempre:

– Estes são meus; compra-os, se quiseres.

Espantada, a mãe perguntou-lhe com quem falava.

– É com esse garoto que deseja que eu lhe dê os meus bombons, respondeu a menina.

– Que menino é esse? perguntou a mãe.

– Este que está aqui, ao meu lado.

– Mas não vejo ninguém.

– Ah! Ele saiu. Veste-se de branco e está todo encrespado.

“De outra vez, a pequena doente de quem já falei acima divertia-se em fazer passarinhos de papel. Mamãe, mamãe! – disse ela – não permitas que esse menino tome meu papel.

– Quem é? – perguntou a mãe.

– Sim, este menino tomou meu papel. E a criança pôs-se a chorar.

– Mas onde está ele?

– Ei-lo saindo pela janela. Era um menino muito danado.

“Esta mesma menina um dia saltava na ponta dos pés até perder o fôlego, malgrado a proibição da mãe, que temia lhe fizesse mal. De repente parou e exclamou: ‘Ah! O guia da mamãe!’ Perguntaram-lhe o que isso significava e ela disse que vira um braço detê-la quando pulava, forçando-a a manter-se quieta. Acrescentou que não tinha medo e que imediatamente pensou no guia de sua mãe. Os fatos dessa natureza repetem-se freqüentemente e se tornaram familiares às crianças, que não experimentam nenhum medo, pois o pensamento do guia de sua mãe lhes vem espontaneamente.

“A intervenção desse guia manifestou-se em circunstâncias mais sérias. A Sra. Mally tinha alugado uma casa ajardinada na comuna de Caudéran. A casa era isolada e rodeada de vastas campinas. Ela morava com as três crianças e uma preceptora. A comuna era então infestada de bandidos, que depredavam a vizinhança e naturalmente cobiçavam uma casa que sabiam habitada por duas senhoras que viviam sozinhas; assim, vinham pilhar todas as noites, tentando forçar as portas e janelas. Durante três anos a Sra. Mally morou nessa casa, em constantes sobressaltos; mas todas as noites ela se recomendava a Deus e, após a prece, seu guia se manifestava sob a forma de uma centelha. Por várias vezes durante a noite, quando os ladrões tentavam arrombar a porta, uma súbita claridade iluminava o quarto e ela ouvia uma voz a dizer-lhe: ‘Nada temas; eles não entrarão.’ Com efeito, jamais conseguiram penetrar na casa. No entanto, por excessiva precaução, ela se munia de armas de fogo. Certa noite, percebendo que rondavam a casa, deu dois tiros de revólver que atingiram um deles, pois ouviu gemidos, mas no dia seguinte haviam desaparecido. Esse fato foi relatado nos seguintes termos por um jornal de Bordeaux:

“Informaram-nos de um fato que demonstra certa coragem por parte de uma jovem que reside na comuna de Caudéran:

“Uma senhora que ocupa uma casa isolada nessa comuna tem em sua companhia uma moça encarregada da educação das crianças. Numa das noites precedentes, essa senhora tinha sido vítima de uma tentativa de roubo. No dia seguinte decidiram melhor prevenir-se e, se necessário, vigiariam durante a noite.

“Fizeram o que haviam combinado. Assim, quando os ladrões se apresentaram para concluir a tarefa da véspera, encontraram quem os recebesse. Apenas tiveram o cuidado de não

conversar com os moradores da casa sitiada. A moça a quem temos aludido desconfiou da presença deles, abriu a porta e deu um tiro de revólver, que deve ter atingido um dos larápios, porquanto no dia seguinte encontraram traços de sangue no jardim.

“Até o momento não foi possível encontrar os autores dessa segunda tentativa.

“Falarei apenas de memória de outras manifestações ocorridas nessa mesma casa de Caudéran, enquanto ali permaneceram aquelas senhoras. Muitas vezes, durante a noite, ouviam-se ruídos estranhos, semelhantes ao de bolas rolando no assoalho ou de lenha atirada ao chão. Na manhã seguinte, entretanto, tudo era encontrado em perfeita ordem.

“Dignai-vos, senhor, caso julgueis conveniente, de evocar o guia da Sra. Mally e interrogá-lo a respeito das manifestações de que acabo de vos notificar. Principalmente perguntai-lhe se a sonâmbula, que pretende ter dado esse guia, tem o poder de o retomar, e se ele se retiraria, caso a sonâmbula viesse a falecer.”

O Guia da Senhora Mally

(Sociedade, 8 de julho de 1859)

1. Evocação do guia da Sra. Mally.

Resp. – Aqui estou; isso é fácil para mim.

2. Sob que nome gostaríeis de ser designado?

Resp. – Como quiserdes; por aquele sob o qual já me conheceis.

3. Qual o motivo que vos fez ligar-se à Sra. Mally e a seus filhos?

Resp. – Antigas relações, inicialmente, e uma amizade e uma simpatia que Deus protege sempre.

4. Disseram que foi a sonâmbula, Sra. Dupuy, quem vos encaminhou à Sra. Mally; é verdade?

Resp. – Foi a primeira quem disse que eu me havia juntado à segunda.

5. Dependéis dessa sonâmbula?

Resp. – Não.

6. Poderiam elas afastar-vos daquela senhora?

Resp. – Não.

7. Se essa sonâmbula viesse a morrer, sofreríeis uma influência qualquer?

Resp. – Nenhuma.

8. Vosso corpo morreu há muito tempo?

Resp. – Sim, há vários anos.

9. O que éreis em vida?

Resp. – Uma criança morta aos oito anos.

10. Como Espírito, sois feliz ou infeliz?

Resp. – Feliz; não tenho nenhuma preocupação pessoal, não sofro senão pelos outros. É verdade que sofro muito por eles.

11. Fostes vós que aparecestes na escada à Sra. Mally, sob a forma de um rapaz que ela tomou por um ladrão?

Resp. – Não; era um companheiro.

12. E numa outra vez, sob a forma de um cadáver? Isso poderia impressioná-la desfavoravelmente. Foi um passo mal dado que demonstra ausência de benevolência.

Resp. – Longe disso em muitos casos; mas neste era para dar à Sra. Mally pensamentos mais corajosos. O que tem um cadáver de apavorante?

13. Tendes, pois, o poder de vos tornar visível à vontade?

Resp. – Sim, mas eu disse que não havia sido eu.

14. Sois igualmente estranho às demais manifestações materiais produzidas na casa dela?

Resp. – Perdão! Isto sim; foi o que eu me impus junto a ela, como trabalho material; mas realizo outro trabalho muito mais útil e muito mais sério para ela.

15. Poderíeis tornar-vos visível a todo o mundo?

Resp. – Sim.

16. Poderíeis tornar-vos visível a um de nós?

Resp. – Sim; pedi a Deus que isso possa acontecer; eu o posso, mas não ousa fazê-lo.

17. Se não quiserdes tornar-vos visível, poderíeis dar-nos ao menos uma manifestação, por exemplo, trazer qualquer coisa para cima desta mesa?

Resp. – Certamente, mas para que serviria? Para ela é assim que testemunho a minha presença, mas para vós é inútil, pois estamos conversando.

18. O obstáculo não estaria na ausência de um médium, necessário para produzir essas manifestações?

Resp. – Não, isso seria um obstáculo insignificante. Frequentemente não vedes aparições súbitas a pessoas que absolutamente não têm mediunidade ostensiva?

19. Todo o mundo, então, é apto a ver manifestações espontâneas?

Resp. – Visto que todos os homens são médiuns, sim.

20. Entretanto, não encontra o Espírito, no organismo de certas pessoas, uma facilidade maior para comunicar-se?

Resp. – Sim, mas eu vos disse, e deveríeis sabê-lo, que os Espíritos têm o poder por si mesmos; o médium nada é. Não tendes a escrita direta? Para isso é necessário médium? Não, mas apenas a fé e um ardente desejo. Muitas vezes isso ainda se produz à revelia dos homens, isto é, sem fé e sem desejo.

21. Pensais que as manifestações, tais como a escrita direta, por exemplo, tornar-se-ão mais comuns do que o são hoje em dia?

Resp. – Certamente; como compreendeis, então, a divulgação do Espiritismo?

22. Podeis explicar-nos o que recebia e comia a menina da Sra. Mally, quando estava doente?

Resp. – *Maná*; uma substância formada por nós, que encerra o princípio contido no maná ordinário e a doçura do confeito.

23. Essa substância é formada da mesma maneira que as roupas e outros objetos que os Espíritos produzem por sua vontade e pela ação que exercem sobre a matéria?

Resp. – Sim, mas os elementos são muito diferentes; as porções que formam o maná não são as mesmas que eu consegui para formar madeira ou roupa.

24. [A São Luís] – O elemento tomado pelo Espírito para formar seu maná é diferente do que ele toma para formar outra coisa? Sempre nos disseram que não existe senão um elemento primitivo universal, do qual os diferentes corpos são simples modificações.

Resp. – Sim. Isto é, o mesmo elemento primitivo está no espaço, sob uma forma aqui, sob uma outra ali; é o que ele quer dizer. Seu maná é extraído de uma parte desse elemento, que supõe diferente, mas que é sempre o mesmo.

25. A ação magnética pela qual se dá a uma substância – a água, por exemplo – propriedades especiais, tem relação com a do Espírito que cria uma substância?

Resp. – O magnetizador não desdobra de forma absoluta senão a sua vontade; é um Espírito que o auxilia, que se encarrega de obter e de preparar o remédio.

26. [Ao Guia] – Há tempos referimos fatos curiosos de manifestações de um Espírito por nós designado pelo nome de louquinho de Bayonne. Conheceis esse Espírito?

Resp. – Não particularmente; mas acompanhei o que fizestes com ele e foi somente desse modo que o conheci primeiramente.

27. É um Espírito de ordem inferior?

Resp. – Inferior quer dizer mau? Não; quer dizer apenas que não é inteiramente bom, que é pouco adiantado? Sim.

28. Agradecemos por haverdes comparecido e pelas explicações que nos destes.

Resp. – Às vossas ordens.

Observação – Esta comunicação nos oferece um complemento àquilo que dissemos nos dois artigos precedentes sobre a formação de certos corpos pelos Espíritos. A substância dada à criança durante a sua enfermidade evidentemente era preparada por eles e tinha como objetivo restaurar-lhe a saúde. De onde tiraram os seus princípios? Do elemento universal, transformado para o uso desejado. O fenômeno tão estranho das propriedades transmitidas pela ação magnética, problema até aqui inexplicado, e sobre o qual tanto se divertiram os incrédulos, está agora resolvido. Realmente, sabemos que não são apenas os Espíritos dos mortos que atuam, mas que os dos vivos igualmente têm a sua cota de ação no mundo invisível: o homem da tabaqueira dá-nos a prova disso. Que há, pois, de admirável em que a vontade

de uma pessoa, agindo para o bem, possa operar uma transformação da matéria primitiva e imprimir-lhe determinada propriedade? Em nossa opinião, aí se encontra a chave de muitos efeitos supostamente sobrenaturais, dos quais teremos oportunidade de falar. É assim que chegamos, pela observação, a perceber as coisas que fazem parte da realidade e do maravilhoso. Mas quem garante que essa teoria seja verdadeira? E aí, como ficamos? Pelo menos ela tem o mérito de ser racional e concordar perfeitamente com os fatos observados. Se algum cérebro humano achar outra mais lógica do que esta, fornecida pelos Espíritos, que sejam comparadas. Um dia talvez reconheçam que abrimos o caminho ao estudo racional do Espiritismo.

“Eu bem que gostaria – dizia-nos certo dia uma pessoa – de ter às minhas ordens um Espírito serviçal, mesmo que tivesse de suportar algumas traquinadas de sua parte.” É uma satisfação que muitas vezes desfrutamos sem perceber, porquanto nem todos os Espíritos que nos assistem se manifestam de maneira ostensiva. Nem por isso deixam de estar ao nosso lado e, por ser oculta, sua influência não é menos real.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

VOLTAIRE E FREDERICO

Diálogo obtido através de dois médiuns que serviram de intérpretes a cada um desses dois Espíritos, em sessão da Sociedade – 18 de março de 1859.

Questões prévias dirigidas a Voltaire

1. Em que situação vos encontrais como Espírito?

Resp. – Errante, mas arrependido.

2. Quais são as vossas ocupações como Espírito?

Resp. – Rasgo o véu do erro que em vida imaginava ser a luz da verdade.

3. Que pensais de vossos escritos em geral?

Resp. – Meu Espírito estava dominado pelo orgulho; aliás, eu tinha por missão impulsionar um povo na infância; minhas obras são a consequência disso.

4. Que direis particularmente do vosso *Joana d'Arc*?

Resp. – É uma diatribe, embora eu tenha feito coisas piores.

5. Quando encarnado pensáveis no futuro após a morte?

Resp. – Não acreditava senão na matéria, bem o sabeis; e ela morre.

6. Professáveis o ateísmo no verdadeiro sentido da palavra?

Resp. – Eu era orgulhoso; negava a divindade por orgulho, com o que sofri e de que me arrependo.

7. Gostariéis de conversar com Frederico, que também concordou em atender ao nosso apelo? Esta conversa seria instrutiva para nós.

Resp. – Se Frederico quiser, eu me prontifico.

Voltaire – Vedes, meu caro monarca, que reconheço meus erros e que estou longe de falar como nas minhas obras. Outrora, ofertávamos o espetáculo das nossas torpezas; agora somos obrigados a oferecer o do nosso arrependimento e do nosso desejo de conhecer a grande e pura verdade.

Frederico – Eu vos supunha menos bom do que realmente sois.

Voltaire – Uma potência, que somos obrigados a adorar e reconhecer em toda a sua soberania força nossa alma a proclamar, para aqueles de quem talvez abusamos, uma doutrina completamente oposta à que havíamos professado.

Frederico – É verdade, meu caro Arouet, mas não finjamos mais. É inútil: caíram todos os véus.

Voltaire – Deixamos tantos desastres à nossa retaguarda que precisaremos de muitas lágrimas, a fim de obtermos o perdão e sermos absolvidos. Nunca estaríamos suficientemente unidos para fazer esquecer e reparar os males que causamos.

Frederico – Confessemos também que o século que nos admirava foi muito pobre de julgamento e que bem pouco é preciso para deslumbrar os homens: nada mais que um pouco de audácia.

Voltaire – Por que não? Fizemos tanto barulho em nosso século!

Frederico – Foi esse barulho que, caindo de repente num completo silêncio, nos atirou na reflexão amarga, quase no arrependimento. Eu choro a minha vida, mas como me aborreço por não ser mais Frederico! E tu, de não seres mais o Sr. de Voltaire!

Voltaire – Falai então por vós, majestade.

Frederico – Sim, eu sofro; mas não o repitais novamente.

Voltaire – Então abdicai! Mais tarde fareis como eu.

Frederico – Não posso...

Voltaire – Pedis-me que seja vosso guia; sê-lo-ei ainda. Tratarei apenas de não vos desencaminhar no futuro. Se puderdes ler, procurai aqui o que vos possa ser útil. Não são as altezas que vos interrogam, mas Espíritos que procuram e encontram a verdade com o auxílio de Deus.

Frederico – Tomai-me então pela mão; traçai-me uma linha de conduta, se o puderdes... esperemos... mas será para vós... Quanto a mim estou muito perturbado, e isso já dura um século.

Voltaire – Ainda me excitais o orgulho de valer mais do que vós. Isso não é generoso. Tornai-vos bom e humilde para que eu mesmo seja humilde.

Frederico – Sim, mas o sinete que a minha condição de majestade deixou-me no coração impede-me sempre de humilhar-me como tu. Meu coração é firme como um rochedo, árido como um deserto, seco como uma arena.

Voltaire – Seríeis então um poeta? Eu não vos conhecia esse talento, Senhor.

Frederico – Tu finges, tu... Não peço a Deus senão uma coisa: o esquecimento do passado... uma encarnação de prova e de trabalho.

Voltaire – É melhor. Uno-me também a vós, mas sinto que terei de esperar muito tempo a minha remissão e o meu perdão.

Frederico – Bem, meu amigo, então oremos juntos uma vez.

Voltaire – Eu o faço sempre, desde que Deus se dignou levantar a mim o véu da carne.

Frederico – Que pensas destes homens que nos chamam aqui?

Voltaire – Eles podem nos julgar e nós não podemos senão humilhar-nos diante deles.

Frederico – Eles me incomodam, eu... seus pensamentos são muito diversos.

P. [A *Frederico*] – Que pensais do Espiritismo?

Resp. – Sois mais sábios do que nós. Não viveis um século além do nosso? E embora no Céu desde esse tempo, nele apenas acabamos de entrar.

P. Agradecemos por terdes atendido ao nosso apelo, assim como o vosso amigo Voltaire.

Voltaire - Viremos quando quiserdes.

Frederico – Não me evoqueis demasiadamente... Não sou simpático.

P. Por que não sois simpático?

Resp. – Eu desprezo e me sinto desprezível.

25 de março de 1859

1. Evocação de Voltaire.

Resp. – Falai.

2. Que pensais de Frederico, agora que ele não se acha mais aqui?

Resp. – Ele raciocina muito bem, mas não quis explicar-se. Como vos disse, ele despreza, e esse desprezo que nutre a todos o impede de abrir o coração, temendo não ser compreendido.

3. Muito bem! Teríeis a bondade de completar e dizer o que ele entendia por estas palavras: “desprezo e me sinto desprezível”?

Resp. – Sim. Ele se sente fraco e corrompido, como todos nós, e talvez ainda compreenda mais do que nós, por ter abusado, mais que os outros, dos dons de Deus.

4. Como o julgais como monarca?

Resp. – Hábil.

5. Pensais que seja um homem de bem?

Resp. – Não se pode perguntar isso; não conheceis as suas ações?

6. Não nos poderíeis dar uma idéa mais exata do que fizestes das vossas ocupações, como Espírito?

Resp. – Não. A todo instante de minha vida descubro um novo ponto de vista do bem; esforço-me por o praticar, ou, antes, aprender a praticá-lo. Quando se teve uma existência como a minha, há muitos preconceitos a combater, muitos pensamentos a repelir ou a mudar completamente, antes de alcançar a verdade.

7. Gostaríamos de obter uma dissertação vossa, sobre assunto de vossa escolha. Poderíeis dar-nos uma?

Resp. – Sobre o Cristo, sim, se o quiserdes.

8. Nesta sessão?

Resp. – Mais tarde; esperai. Numa outra.

8 de abril de 1859

1. Evocação de Voltaire.

Resp. – Eis-me aqui.

2. Teríeis a bondade de nos dar hoje a dissertação que prometestes?

Resp. – Sustento o que prometi; apenas serei breve:

Meus caros amigos, quando me achava entre vossos antepassados, tinha opiniões e, para sustentá-las e fazê-las prevalecer entre meus contemporâneos, muitas vezes simulei uma convicção que em verdade não possuía. Foi assim que, desejando atacar os defeitos e os vícios em que tombava a religião, sustentei uma tese que hoje me condena a refutá-la.

Ataquei muitas coisas puras e santas, que a minha mão profana deveria ter respeitado. Assim, investi contra o próprio Cristo, esse modelo de virtudes sobre-humanas, pode-se dizer. Sim,

pobres homens, talvez haveremos de nos igualar um pouco com o nosso modelo, mas jamais teremos o devotamento e a santidade que ele demonstrou; estará sempre acima de nós, pois foi melhor antes de nós. Ainda estávamos mergulhados no vício da corrupção e ele já estava sentado à direita de Deus. Aqui, perante vós, eu me retrato de tudo quanto a minha pena traçou contra o Cristo, porque o amo; sim, eu o amo. Lamentava não ter podido fazê-lo ainda.

Boletim

DA SOCIEDADE PARIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Nota – Como havíamos anunciado, a partir de hoje iniciaremos a publicação do Boletim dos trabalhos da Sociedade. Cada número conterà o relato das sessões ocorridas no mês anterior. Esses Boletins darão apenas o resumo sucinto dos trabalhos e da ata de cada sessão. Quanto às próprias comunicações nelas obtidas, bem como as de fontes estranhas que ali forem lidas, sempre as publicaremos integralmente, toda vez que oferecerem um lado útil e instrutivo. Continuaremos a indicar, como temos feito até agora, a data da sessão em que foram dadas. A abundância das matérias e as necessidades da classificação muitas vezes nos obrigam a inverter a ordem de certos documentos, mas isso não representará nenhum inconveniente, porquanto, mais cedo ou mais tarde eles encontrarão o seu lugar.

Sexta-feira, 1^o de julho de 1859 [Sessão Particular]

Assuntos administrativos – Admissão do Sr. S..., membro correspondente em Bordeaux.

Adiamento, até mais amplas informações, do ingresso de dois membros titulares apresentados nos dias 10 e 17 de junho.

Designação de três novos comissários para as sessões gerais.

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Comunicações – O Sr. Allan Kardec anuncia que esteve com o Sr. W... Filho, de Boulogne-sur-Mer, citado na Revista de dezembro de 1858 a propósito de um artigo sobre o fenômeno da bicorporeidade, o qual lhe confirmou o fato de sua presença simultânea em Boulogne e em Londres.

Carta do Sr. S..., correspondente em Bordeaux, contendo detalhes minuciosos sobre interessantes manifestações e aparições de seu conhecimento pessoal, por parte de um Espírito familiar. (Carta publicada neste fascículo, bem como a evocação feita sobre o assunto.)

O Dr. Morhéry presenteia a Sociedade com duas cantatas, de cuja letra é autor, intituladas *Itália* e *Veneziana*. Embora essas duas produções sejam completamente estranhas aos trabalhos da Sociedade, ela os aceita com reconhecimento e agradece ao autor.

O Sr. Th... observa, a propósito da comunicação de Cristóvão Colombo, obtida na última sessão, que as respostas deste, relativas à sua e à missão dos Espíritos em geral, parecem consagrar a doutrina da fatalidade.

Vários membros contestaram esta conseqüência das respostas de Cristóvão Colombo, considerando-se que a missão não retira a liberdade de fazer ou deixar de fazer. O homem não é fatalmente impellido a fazer tal ou qual coisa. Pode acontecer que, como homem, se comporte mais ou menos cegamente; como Espírito, porém, tem sempre a consciência do que faz e permanece sempre senhor de suas ações. Supondo que o princípio da fatalidade decorresse das respostas de Colombo, não seria a consagração de um princípio que, em todos os tempos, tem sido combatido pelos Espíritos. Em todo caso, seria apenas uma opinião individual. Ora, a Sociedade está longe de aceitar como verdade

irrefutável tudo quanto dizem os Espíritos, porque sabe que eles podem enganar-se. Um Espírito poderia dizer muito bem que é o Sol que gira em redor da Terra, e não o contrário, o que não seria mais verdadeiro pelo fato de proceder de um Espírito. Tomamos as respostas pelo que elas valem. Nosso objetivo é estudar as individualidades, seja qual for o seu grau de superioridade ou de inferioridade, e assim adquirimos o conhecimento do estado moral do mundo invisível, não emprestando nossa confiança às doutrinas dos Espíritos senão quando elas tocam a razão e o bom-senso, e quando nelas encontramos a verdadeira luz. Quando uma resposta contém erros evidentes, ou é ilógica, concluímos simplesmente que o Espírito que a deu ainda se encontra atrasado. Quanto às respostas de Colombo, de modo algum implicam a fatalidade.

Estudos – Perguntas sobre as causas do prolongamento da perturbação do Dr. Glower, evocado a dez de junho.

Perguntas sobre as causas da sensação física dolorosa produzida sobre o Sr. W... Filho, de Bolulogne, pelos Espíritos sofredores.

Perguntas sobre a teoria da formação dos objetos materiais no mundo dos Espíritos, tais como vestimentas, jóias, etc.; sobre a transformação da matéria elementar pela vontade do Espírito. Explicação do fenômeno da escrita direta (Ver nosso artigo precedente)

Evocação de um oficial superior falecido em Magenta (2ª conversa); Perguntas sobre certas sensações de além-túmulo.

Propõe o Sr. S... que se evoque o Sr. M..., desaparecido há um mês, a fim de saber se está vivo ou morto. Interrogado a respeito, São Luís diz que tal evocação não pode ser feita; que a incerteza reinante sobre a sorte desse homem tem um objetivo de prova e que mais tarde se saberá, pelos meios ordinários, o que de fato aconteceu.

Sexta-feira, 8 de julho de 1859 – [Sessão geral]

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão anterior.

Comunicações – Leitura de duas comunicações espontâneas obtidas pelo Sr. R..., membro titular, sendo uma de São Luís, encerrando conselhos à Sociedade sobre o modo de apreciar as respostas dos Espíritos, e a outra de Lamennais. (Serão publicadas no próximo número.)

Leitura de uma notícia sobre o diácono Pâris e os convulsionários de Saint-Médard, preparada pelo comitê dos trabalhos para servir de objeto de estudo.

O Sr. Didier, membro titular, presta conta das curiosas experiências por ele feitas sobre a escrita direta e os notáveis resultados que obteve.

Estudos – Evocação do guia ou Espírito familiar da Sra. Mally, de Bordeaux, a propósito da notícia transmitida pelo Sr. S..., sobre os fatos de manifestação produzidos na casa dessa senhora e lidos na sessão anterior.

Evocação do Sr. K..., morto a 15 de junho de 1859 no Departamento de Sarthe. O Sr. K..., homem de bem e muito esclarecido, era versado em estudos espíritas e sua evocação, realizada a pedido de parentes e amigos, constatou a influência de tais estudos sobre o estado de desprendimento da alma após a morte. Além disso, revelou espontaneamente o importante fato das *visitas espíritas noturnas* entre Espíritos de pessoas vivas. Deste fato decorrem graves conseqüências para a solução de certos problemas morais e psicológicos.

Sexta-feira, 15 de julho de 1859 – [Sessão particular]

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão anterior.

Assuntos administrativos – A pedido de vários membros, e considerando que muitas pessoas estão ausentes nesta temporada, propõe o Presidente que, de acordo com o uso estabelecido em todas as Sociedades, seja fixado um período de férias.

A Sociedade decide que suspenderá suas sessões durante o mês de agosto e que as retomará sexta-feira, 2 de setembro.

O Sr. C..., secretário-adjunto, escreve para pedir a sua substituição, motivada por novas ocupações que não lhe permitem assistir regularmente ao começo das sessões. Sua substituição será providenciada mais tarde.

Comunicações – Leitura de uma carta do Sr. Jobard, de Bruxelas, presidente honorário da Sociedade, dando conta de vários fatos relativos ao Espiritismo e oferecendo à Sociedade uma canção, intitulada *O Canto do Zuavo*, que lhe foi inspirada pela evocação do *Zuavo de Magenta*, referido na Revista do mês de julho; ela já foi cantada num teatro de Bruxelas. O fim dessa canção, na qual sobressai a verve espiritual do autor, é mostrar que as idéias espíritas têm por objetivo destruir as apreensões da morte.

O Sr. D... relata novos fatos de escrita direta, por ele obtidos no Louvre e na igreja de Saint-Germain l'Auxerrois.

Leitura de uma carta endereçada ao sr. presidente, a propósito do temporal de Solferino. O autor assinala vários outros fatos análogos e indaga se não haveria algo de providencial nessa coincidência. Essa questão já foi respondida na segunda conversa com o oficial morto em Magenta; será, aliás, objeto de exame mais aprofundado.

Carta da Sra. L..., relatando uma mistificação de que foi vítima, por parte de um Espírito malévolo, que dizia ser São Vicente de Paulo e que a enganou através de uma linguagem

aparentemente edificante e por detalhes minuciosos que revelou a respeito de sua família, para, em seguida, induzi-la a enveredar por caminhos comprometedores. Reconhece a Sociedade, por intermédio da própria carta, que tal Espírito havia revelado sua natureza por certos fatos que não dariam margem a qualquer equívoco.

Estudos – Problemas morais e questões diversas: Sobre o mérito das boas ações, tendo em vista a vida futura; sobre as missões espíritas; sobre a influência do medo ou do desejo de morrer; sobre os médiuns intuitivos.

Perguntas sobre as visitas espíritas entre pessoas vivas.

Evocação do diácono Pâris.

Evocação do falso São Vicente de Paulo, Espírito mistificador da Sra. L...

Sexta-feira, 22 de julho de 1859 – [Sessão geral]

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Comunicações – Leitura de uma comunicação particular do Sr. R..., membro titular, sobre a teoria da loucura, dos sonhos, das alucinações e do sonambulismo, pelos Espíritos de François Arago e São Vicente de Paulo. Essa teoria é um desenvolvimento racional e científico dos princípios já emitidos sobre esta matéria. (Será publicada no próximo número.)

O Sr. R... comunica um fato recente de aparição. No dia 16 de julho, sábado, dia do enterro do Sr. Furne, este apareceu durante a noite à esposa do primeiro com o aspecto que tinha em vida, procurando aproximar-se dela enquanto outro Espírito, cujo semblante não pôde distinguir, o segurava pelo braço e procurava afastá-lo. Sensibilizada por essa aparição, tratou de cobrir os olhos sem que, todavia, deixasse de vê-lo como antes. No dia seguinte

essa senhora, que, como o marido, é médium escrevente, pôs-se a traçar convulsivamente caracteres irregulares que pareciam formar o nome de Furne. Interrogado sobre o fato, outro Espírito respondeu que, realmente, o Sr. Furne queria comunicar-se com eles, mas em razão do estado de perturbação em que ainda se achava, mal se reconhecendo, acrescentou ser necessário esperar cerca de oito dias para ser evocado, a fim de que pudesse manifestar-se livremente.

O Dr. V... faz referência a um fato de previsão espírita, realizado em sua presença, e tanto mais notável quando sabemos que a previsão de datas é muito rara por parte dos Espíritos. Há seis semanas aproximadamente, uma senhora de seu conhecimento, excelente médium de psicografia, recebeu uma comunicação do Espírito de seu pai; de repente e sem provocação, este último pôs-se a falar espontaneamente da guerra da Itália. A propósito, perguntaram-lhe se ela acabaria logo. Ele respondeu: “No dia *11 de julho a paz será assinada.*” Sem ligar maior importância a essa previsão, o Dr. V... guardou a resposta num envelope lacrado e o remeteu a uma terceira pessoa, com a recomendação de somente abri-lo após o dia 11 de julho. Sabe-se que o acontecimento se realizou como fora anunciado.

É interessante notar que os Espíritos, quando falam de coisas futuras, o fazem espontaneamente, sem dúvida porque julgam de utilidade fazê-lo. Entretanto, jamais o fazem quando a isso são impelidos por um motivo de curiosidade.

Estudos – Problemas morais e questões diversas. Perguntas complementares sobre o mérito das boas ações; sobre as visitas espíritas; sobre a escrita direta.

Questões sobre a intervenção dos Espíritos nos fenômenos da Natureza, como tempestades, e sobre as atribuições de certos Espíritos.

Perguntas complementares sobre o diácono Pâris e os convulsionários de Saint-Médard. Evocação do general Hoche.

Ao Sr. L..., de Limoges

Rogamos à pessoa que se deu ao trabalho de nos escrever de Limoges, indicando documentos interessantes relativos ao Espiritismo, a gentileza de se pôr em contato direto comigo, a fim de podermos responder às proposições que nos deu a honra de dirigir. A falta de espaço nos impede a citação de algumas passagens de sua carta.

Allan Kardec